

O IRÃ MUDOU TUDO

Por Ted Snider*



Dreamstime.

Quer o ataque iraniano a Israel tenha ou não causado danos significativos, seu principal objetivo não foi gerar avarias físicas, mas mudar os cálculos geopolíticos no Oriente Médio.

Em 13 de abril, o Irã respondeu ao ataque de Israel ao complexo da sua embaixada em Damasco, que matou sete militares iranianos, incluindo um oficial muito graduado, o general Mohammad Reza Zahedi, lançando mais de 300 drones e mísseis contra Israel a partir de solo iraniano. Autoridades dos EUA, segundo algumas reportagens, dizem que quatro ou cinco mísseis balísticos atingiram a base aérea de Nevatim, enquanto outras diziam que quatro outros mísseis atingiram uma segunda base aérea. Todas as reportagens concordam que as bases foram “levemente atingidas” e que “não houve danos significativos”. Embora os danos causados pelo ataque possam não ter sido significativos, as mudanças que ele causou podem ser. Quatro mudanças em particular podem ser especialmente importantes.

DISSUAÇÃO: ALTERANDO CÁLCULOS FUTUROS

A resposta escolhida pelo Irã ao ataque fatal à sua embaixada parece não ter sido uma retaliação nem uma escalada. Se assim fosse, teria disparado mais mísseis do que drones, não teria anunciado os drones assim que foram lançados, nem declarado a operação “concluída” antes de eles chegarem. Não teria compartilhado antecipadamente os detalhes e o calendário da operação com a Arábia Saudita,

outros países do Golfo e a Turquia, membro da OTAN, que então, previsivelmente, a compartilhou com os Estados Unidos.

A resposta escolhida foi sobre o restabelecimento da dissuasão. Antes do 13 de abril, o Irã tinha absorvido o assassinato de cientistas e soldados e a sabotagem da sua infraestrutura nuclear civil. A demonstração maciça da capacidade de lançar um número suficiente de mísseis para atingir alguns alvos em Israel mudou isso. A partir de agora, as decisões sobre atingir os interesses iranianos terão que ter em conta no cálculo a possibilidade de uma resposta ainda maior e mais impactante.

JORDÂNIA E OS ESTADOS DO GOLFO: MUDANÇA DE ALINHAMENTOS

As decisões tomadas pelos países da região relativamente ao papel que desempenhariam ou não nos acontecimentos de 13 de abril podem se revelar muito importantes.

Embora a Jordânia retratasse seu papel como uma autodefesa, eles interceptaram projéteis que entraram em seu espaço aéreo. A Jordânia concedeu aos Estados Unidos o uso do seu espaço aéreo e “utilizou as suas próprias aeronaves para ajudar na interceptação de mísseis e drones iranianos”.

Apesar dos apelos à necessidade de “garantir a segurança dos seus cidadãos”, o tempo dirá se a escolha da Jordânia de fazer uma parceria com os EUA e Israel em vez do Irã afetará a sua posição no mundo muçulmano.

O resto da região parece ter decidido de forma diferente. Alguns mísseis de apoio parecem ter sido lançados do Líbano, Iraque, Síria e Iêmen.

Mais significativamente, a Arábia Saudita, o Catar e os Emirados Árabes Unidos parecem ter feito o seu melhor para ficar de fora. Recentemente os Estados Unidos trabalharam arduamente para promover os Acordos de Abrahão e para unir os países árabes e Israel em uma OTAN mais estreita no Oriente Médio, em oposição ao Irã. Mas a Arábia Saudita, que em março de 2023 assinou um acordo para normalizar as relações diplomáticas com o Irã, e os outros Estados do Golfo parecem ter tentado ao máximo ficar fora da OTAN do Oriente Médio no dia do ataque. A Arábia Saudita sunita, outrora archi-inimiga do seu oponente regional xiita, parece agora ter tentado ao máximo, juntamente com os outros Estados do Golfo, não tomar partido contra o Irã.

Os Estados Unidos conseguiram rastrear drones e mísseis iranianos, em parte devido ao radar e aos sistemas de alerta antecipado que mantêm nas suas bases militares na região do Golfo. E os caças dos EUA conseguiram até decolar da Arábia Saudita e do Catar. Mas a Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos, Omã e o Kuwait “todos examinaram minuciosamente os seus acordos de base com Washington para fazerem o mínimo necessário e evitarem envolver-se em ataques diretos contra alvos iranianos”. Eles não parecem ter participado ativamente na defesa contra drones e mísseis iranianos. Os Estados do Golfo também

trabalharam arduamente para evitar que os EUA os envolvessem de qualquer forma que pudesse ligá-los a qualquer potencial retaliação contra o ataque iraniano.

APOIO AMERICANO

Em defesa de Israel contra o ataque iraniano, o sistema de defesa aérea Iron Dome de Israel foi perfeitamente interligado com os sistemas de defesa aérea americanos. O presidente dos EUA, Joe Biden, disse que os Estados Unidos “moveram aeronaves e destróieres na defesa contra mísseis balísticos para a região” e “Graças a essas implantações e à habilidade extraordinária de nossos militares, ajudamos Israel a derrubar quase todos os drones e mísseis que chegavam”. O Comando Central dos EUA disse que as forças americanas “destruíram mais de 80 drones e pelo menos seis mísseis balísticos”.

Esta integração poderá ter dois efeitos significativos no futuro. Envia uma mensagem muito clara ao Irã de que o compromisso dos EUA em defender Israel é tão “revestido de ferro” quanto diz Biden. Outras grandes potências podem ajudar a defender seus amigos. Mas, normalmente, existem limites. Foi dito que a relação da China com o Paquistão é algo análoga à relação dos EUA com Israel. A China prometeu nunca deixar de apoiar o Paquistão contra a agressão. Mas recusou-se a ajudar militarmente o Paquistão em uma situação que o Paquistão causou. No Eixo China-Paquistão, Andrew Small cita a liderança chinesa dizendo ao Paquistão “para exercer o autocontrole... e evitar o agravamento da situação”. Biden, no entanto, demonstrou que os Estados Unidos defenderão Israel mesmo quando o defenderem contra uma resposta a um ataque israelense.

Embora essa mensagem seja benéfica para Israel e um aviso para o Irã, também pode ter um efeito restritivo sobre Israel porque sugere que uma defesa israelense bem sucedida contra qualquer futuro ataque iraniano pode exigir o apoio dos EUA.

DEFENDENDO ISRAEL E IRRITANDO A UCRÂNIA

“O que este fim de semana demonstrou”, segundo o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, “é que Israel não precisava e não precisa se defender sozinho quando é vítima de uma agressão, vítima de um ataque”.

Este fim de semana demonstrou algo muito diferente para a Ucrânia. Ao contrário da Ucrânia, onde os Estados Unidos se recusam – por boas razões – a se envolver diretamente, mobilizando destroieres e aviões de combate para interceptar mísseis russos, os EUA fizeram exatamente isso por Israel. Embora os riscos possam ser diferentes, a Ucrânia provavelmente não pode deixar de sentir que, depois de ter sido informada para não negociar o fim da guerra em troca de uma promessa de tudo o que for necessário, durante o tempo que for necessário, é mais importante para os EUA defender Israel contra o Irã do que defender a Ucrânia e – afirma o Ocidente – a Europa da Rússia. A Ucrânia provavelmente não deixará de se sentir traída.

“O mundo inteiro viu que Israel não estava sozinho nesta defesa”, disse o presidente ucraniano Volodymyr Zelensky. “A ameaça no céu também estava sendo eliminada por seus aliados.” Ele questionou-se em voz alta porque é que os “aliados da Ucrânia ... fazem vista grossa aos mísseis e drones russos”. Reconhecendo que os riscos podem ser diferentes, o ministro dos Negócios Estrangeiros ucraniano, Dmytro Kuleba, queixou-se: “Mesmo que não consigam agir da forma como agem em Israel, deem-nos o que precisamos e nós faremos o resto do trabalho”.

O ataque aéreo maciço do Irã poderá ter apenas “atingido ligeiramente” Israel, mas terá um impacto muito maior no futuro da região.

Publicado no [The Libertarian Institute](#).

****Ted Snider** é colunista de política externa e história dos EUA no Antiwar.com e no The Libertarian Institute. Ele também é colaborador frequente do Responsible Statecraft e do The American Conservative, bem como outros veículos.*
